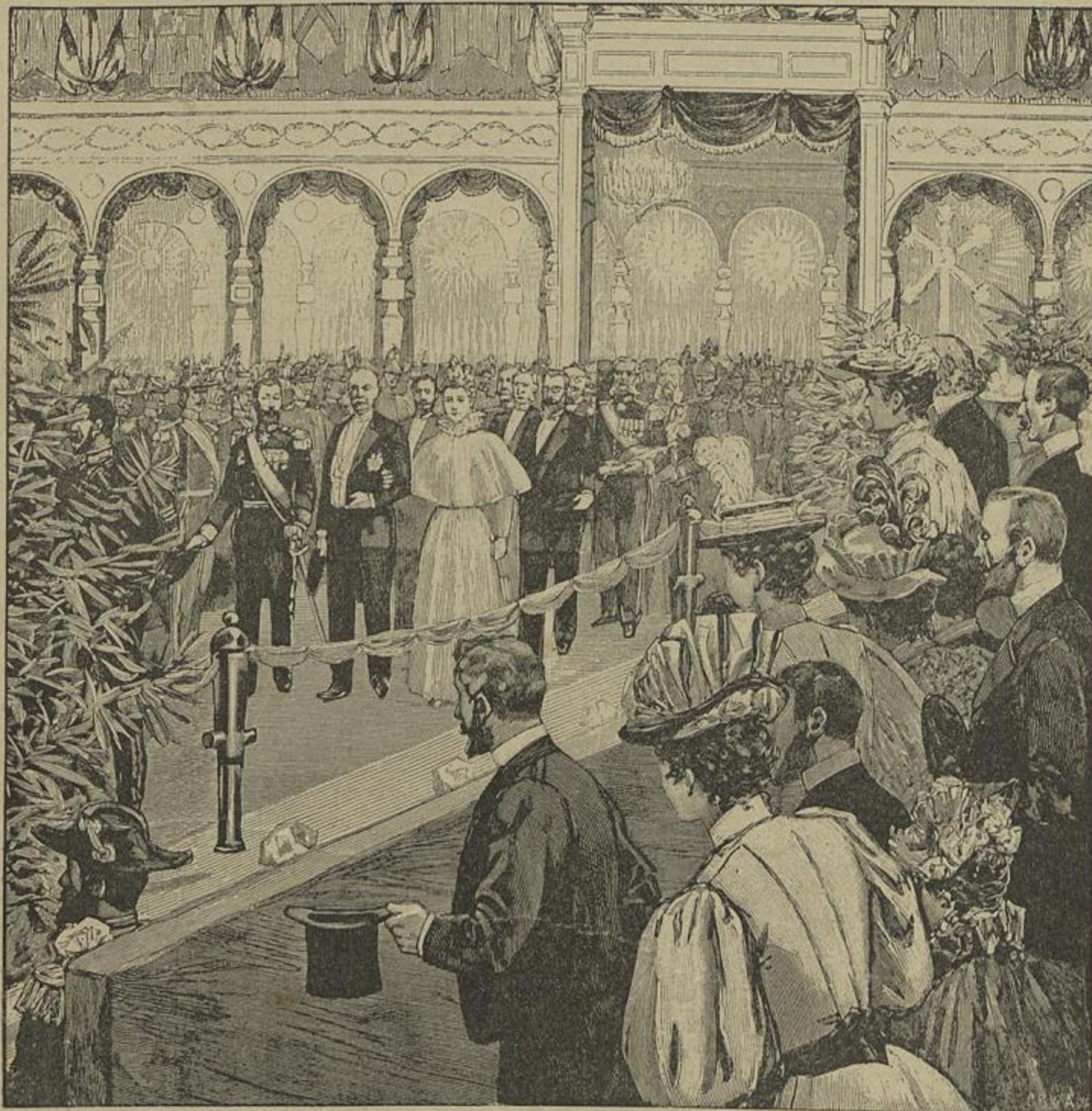


OCCIDENTE

REVISTA ILUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 641	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	5\$800	1\$900	5950	5120	15 DE OUTUBRO DE 1896	<i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i> Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

Visita dos Imperadores da Russia a Paris



CHEGADA DOS IMPERADORES A CHERBOURG — RECEPÇÃO NO ARSENAL



CHRONICA OCCIDENTAL

O assumpto do dia no mundo é a visita do Tzar a Paris; cá em Lisboa é o systema Kuhne.

Nem todos querem ter a pretensão de entender de politica ou de andar preocupadissimos com as magnas questões do equilibrio europeu; nem todos podem ter a legitima curiosidade de calcular até que ponto o Principe de Bismarck, retirado á vida privada, terá franziado o decantado e eloquente sobrolho, ao ter conhecimento das novas que os arames do telegrapho vão transmittindo para todo o mundo, pelos ares, pelo chão, pelo fundo do mar.

Por cá, em geral, somos mais modestos; pensamos apenas na alimentação vegetariana, nas batatas e nas ervas. Todos querem saber do que lhes faz um bem immediato. É já velho, poderia ter sido invenção do amigo Wenceslão Polycarpo Banana, sempre que surge alguma coisa curando tudo, é certo que tudo cura. Muito antes do Kuhne apparecer, já fôra assumpto a erva santa. Boa para tudo! Depois mudou de nome; agora chama-se tabaco e faz um mal immenso.

O que seria a grande invenção do seculo e enorme beneficio para a humanidade, seria a applicação do systema Kuhne á politica, ou, melhor, aos politicos.

Mas isso é uma utopia. Os grandes diplomatas preferem por emquanto uma esquadra a duas peras e a artilheria aos feijões.

O systema do humanitario allemão, protector dos animaesinhos, parece por emquanto ter poucos adeptos nas altas regiões da politica, se temos de considerar verdadeiras as informações sobre os menus dos jantares offerecidos pelo sr. Faure ao seu illustrissimo hospede.

Se cada pequenissimo gesto do Tzar em amavel cavaco com o seu amphitrão, se cada olhar do Presidente para o Imperador devem ter importancia, ser consideradões verdadeiros symbolos, o menu do jantar deve ser religiosamente meditado por todas as chancellarias.

Agora sim, agora é que era occasião para brilhar com toda a intensidade de verdade pura o admiravel aphorismo de Brillat. Savarin: «Dis-moi ce que tu manges, je te dirai ce que tu es».

É talvez que o celebre gastronomico viesse a ser o mais profundo dos politicos. «Dize-me o que comes, dir-te-hei quem és!»

Que profundas meditações não poderiam fazer-se, desde que se chegasse á conclusão de que cada prato, cada acepipe, cada tempero, cada combinação de coisas irmãs ou disparatadas, cada formula culinaria, deveria corresponder, conforme a importancia que o gosto de cada um lhes desse, a um ideal da fantasia, a uma função da intelligencia, a um acto da vontade! Chegar-se-hia talvez, como na geometria analytica para as curvas, a achar a equação do homem.

Não sei que figura faria aqui o decantado Kuhne. É certo que o expoente d'um perdigoto com tubaras não pôde ser o mesmo do d'uma batata com cenouras.

Erá ver então as caras do sr. Faure e de Nicolau II, um defronte do outro, cerimoniosamente comendo *truffes au champagne* e Brillat-Savarin, piscando o olho, sorridente, como nos apparece á imaginação, de ventresinho redondo e majestoso, dizendo baixinho a um collega, nos Campos Elyseos:

— Deram cabo da Allemanha!

O sr. Faure passa á Imperatriz o prato das enxovas:

— O Baltico está em mãos lençoes.

A Imperatriz recusa com um sorriso; prefere as sardinhas de Nantes:

— Confirma-se a alliança.

A' sobremesa bebe um copo de Chypre:

— Questão do Oriente.

O mesmo se daria por cá, como é claro. Uma equação é uma equação e cada verdade mathematica uma verdade eterna.

O sr. João Franco está defronte d'um bello prato de orelheira com feijão branco. Entra o sr. ministro da justiça.

— É servido?

O sr. Antonio de Azevedo medita um instante. É transmontano, senta-se e come. Contribuições indirectas.

O sr. Hintze pede agua. Não ha novidades.

Bem sabemos que este estudo, levado a ponto

exagerado, traria consigo complicações graves e talvez resultados fataes, como aconteceu com o hypnotismo, magnetismo, espiritismo e tantas outras sciencias. Teria naturalmente os seus fanaticos, obrigaria talvez o sr. ministro da guerra a só despachar tendo adiante de si uma bateria de botijas, tudo bebidas d'aquillo de que elle é ministro, o que decerto prejudicaria sua florescentissima e apreciavel saude. O sr. Luiz de Soveral nunca mais poderia beber um só copo de vinho do Porto. Se o vinho fosse bom, vinha logo tudo com a questão ingleza!

Abertos novos cursos em todas as universidades, a população inteira com a attenção posta nos menus dos jantares officiaes, com os olhos nas coisas publicas e até com o nariz nas privadas, o sr. Barros Gomes não poderia n'um dia de estroinice comer um tremoço, nem o sr. capitão Machado, para aclarar a voz, roer uma fava, que os jornaes não enchessem columnas sobre o symbolo nutritivo-psychologico dos patriarchaes legumes.

Claro está que nunca deveriamos ir tão longe e eu, que aponto desvanecido para a aurora da nova sciencia, entendo que é um dever moral mostrar-lhes desde já todos os perigos a que podem arrastar-se para seu descredito fanaticos adherentes.

Um dia a Talleyrand, que gosava fama de ser constantemente engraçado, foi apresentado um homem que tinha o maior interesse em lhe ouvir uma graça qualquer. Talleyrand disse-lhe apenas a frase vulgar: «Estimo muito conhecê-lo.» E o outro a piscar muito os olhos, a ver se atinava:

— Não vai, não vai lá, não percebo!

Quería por força que fosse um calembourg!

Ora estes perigos é que desejo evitar.

O que é certo é que, emquanto os homens de quem depende a paz europeia não tiverem o bom senso ou a obrigação de seguirem em sua alimentação as recommendações do Kuhne, a Europa anda em sobresaltos. Os menus dos jantares de Paris não são absolutamente nada tranquillisadores. Só ostras loram aos milhares!

Se os diplomatas usassem apenas da cosinha vegetariana, como diminuiriam as ambições, como esfriariam aquelles cerebros, como aquelles corações, que os arrancos do estomago não viriam incommodar, palpitariam socegradamente!

Como se comprehende que um homem se deixe arrebatado pela colera, sinta a alma repleta de odios e rancores, junto d'uma viçosa couve lombarda? Se ha nada mais paz d'alma que uma melancia redonda, cheia de pevides brancas nadando n'uma aguadilha cor de rosa e assucarada? E os nabos brancos, muito brancos, cor da pureza, sem saborões como uma menina que sahio do collegio, lymphatica, sabendo tocar um *pot-pourri* da Favorita, não impõem aquelle respeito que é devido á innocencia? A cor verde da salsa lembra scenas bucolicas e duas peras juntas serão um symbolo de paz e de união, comida propria, que o povo que as paga offerece sinceramente aos diplomatas. A abobara tambem no suavissimo concerto desempenhará sua parte, mão grado aquellas que, indifferentes aos bons exemplos da familia, ás vezes se entortam.

Então nos gabinetes dos ministros haveria paz e quietação; não mais artigos de fundo incendiarios; acabaria o normando das typographias; o petroleo e a dynamite perderiam seus officios.

Uma vez por outra, questão de atavismo, fingir-se-hiam casos tetricos, em que ninguem acreditava. O continuo de mãos no ventre, fazendo girar os pollegares, bem havia de saber que toda aquella discussão lá dentro, em voz mais alta, era com o fim muito simples de enganar-o, de fazel-o dar á lingua cá fóra, dizer coisas com ar misterioso que despertasse a curiosidade, que obrigasse os jornaes da opposição a começar artigos severos: «Sabemos de boa fonte...»

E logo outra vez tudo nos seus verdadeiros eixos! Os espinafres esmeraldinos, cor da esperanza; levando a esperanza aos namorados frios; a abobara menina fazendo as delicias dos casaes velhos sem meninos; a assorda d'alho perfumando as gengives pallidas das noivas; familias inteiras muito magras, indo risonhas á fava!

Mas n'este regimen todo Kuhne, que susto, que pasmo, que legitimo terror, se um dia, depois d'alguna discussão, o sr. ministro dos estrangeiros pedisse uma sandwich com mostrarda e logo depois o sr. ministro da guerra meio hiffe sem batatas!

João da Camara.

THOMAZ RIBEIRO

Damos hoje o primeiro logar á carta com que nos honrou o eminente poeta, o sr. Conselheiro Thomaz Ribeiro, a proposito d'uma poesia publicada pelo OCCIDENTE no numero 638.

A reproducção d'esses versos, que tem todo o perfume da mocidade, deu-nos o prazer de vêr o nome de sua ex.^a ornando mais uma vez as columnas d'este jornal, prazer que decerto os nossos leitores tambem sentirão.

É sempre o mesmo — o illustre poeta — na bizarra cortezia e nos quilates do coração.

A' muito illustre e illustrada Redacção do OCCIDENTE venho agradecer o favor especialissimo que me é feito no n.º 638 do seu volume XIX.

Estimo immenso tornar a vêr os versos que consagrei ao meu amigo Pouzão, o formoso galã do theatro academico, no meu tempo de Coimbra.

De nada valem os versos, mas produziram em mim uma grande saudade, e uma cordealissima gratidão.

Consintam v. que eu, muito commovido, aperte as suas mãos.

Feitoria 24 de setembro de 1896.

Thomaz Ribeiro.



AS NOSSAS GRAVURAS

VIZITA DOS IMPERADORES DA RUSSIA A PARIS

A visita do Tzar a Paris é o grande acontecimento da semana, acontecimento que preoccupa todos os espiritos, chama todas as attenções desde o oriente até aos extremos occidentaes da Europa, porque a todos interessa e todos a comentam deligenciando encontrar o verdadeiro fim d'aquella visita tão extraordinaria, que pretende tornar bem publica e bem segura a sympathia da Russia pela França.

Effectivamente quando a França se encontrava isolado no meio das monarchias da Europa e em face da triplice alliança, convinha avivar por todos os modos a sua amizade com a Russia, visto que esta nação lhe mostrava mais sympathia e lhe offerecia maiores garantias de força.

Tudo consistia em alcançar uma prova bem publica d'essa sympathia, que os francezes, na exaltação do seu espirito, bem poderão ter tomado por alliança nos casos de guerra.

Alcançou o que pretendia, porque o Tzar accedeu aos desejos da França, vindo até Paris dar prova da sua amizade. Quanto, porém, á alliança, é ainda um mysterio que as chancellarias debalde se esforcam para devassar.

Entretanto o entusiasmo com que a França republicana acclamou por toda a parte o Tzar autocrata, não podia ser maior. As festas que lhe offereceu não podiam ser mais deslumbrantes.

Não se fallou senão em paz, e de paz era toda aquella festa, e para que nada faltasse a afflmar as intenções pacificas e a tranquillisar os espiritos, até o arco iris appareceu no Ceu quando o Tzar desembarcou em Cherbourg!

O dia 5 do corrente, em que os imperadores da Russia chegaram a Cherbourg, amanheceu carregado e tempestuoso vindo depois chuva abundante. Isto tirou brilho á recepção, nos primeiros momentos, mas quando depois se passou revista á esquadra franceza do norte fundeada no porto, o vendaval tinha passado e o arco iris annunciou a bonanza.

Foi imponente o spectaculo! Tantos navios alli reunidos a attestarem o poder maritimo da França, importavam uma ostentação de força que de certo impressionou o Tzar e elle não o esqueceu no brinde com que respondeu ao presidente Faure no banquete, que n'esse mesmo dia lhe foi offerecido em Cherbourg.

«Eu elevo o meu copo em honra da nação, da frota franceza e dos seus bravos marinheiros, e agradeço-vos Senhor Presidente da Republica as boas vindas que acabaes de expremir.»

A recepção feita em Cherbourg aos imperadores da Russia impressionou-os agradavelmente preparando-os para as grandes acclamações que os aguardavam em Paris, para as festas deslumbrantes que os haviam de immisionar.



No dia 6 ás 10 horas da manhã os imperiaes visitantes chegaram á estação de Ranelagh. O Presidente Faure apeou-se da carroagem do comboio e offereceu o braço á Tzarina que vestia de branco bordado a ouro. O Tzar com o seu uniforme de coronel da Guarda Russa, deu a direita ao Presidente da Republica, e assim seguiram para o salão da gare, que estava lindamente decorado.

Ali recebeu os cumprimentos dos presidentes do senado e da camara; do presidente do conselho, dos ministros e dos secretarios de estado; do Cardeal de Paris; do grande chanceller da Legião de Honra; do governador civil de Paris; dos prefeitos do Sena, da policia; do presidente do conselho municipal e do conselho geral e do estado maior, etc.

O Tzar passou em revista a guarda de honra composta das Guardas Republicanas, cujo aspecto o impressionou bem. As musicas tocavam a *Marselheza* e a artilheria salvava com 101 tiros.

Depois tomaram a carroagem que havia conduzir os imperiaes visitantes a travéz de Paris, levando o imperador á sua direita a imperatriz e na frente o presidente Faure.

O cortejo pôz-se em movimento e escusado será dizer que o trajecto foi um triumpho. As aclamações e os vivas á Russia, aos imperadores e á França echoavam por toda a parte, d'entre o povo, que, em enormes massas, abria alas por todo o caminho. Um delirio indiscrípivel como só o tem o povo francez quando deveras se enthusiasma.

Nada se pôde comparar á imponencia da passagem dos Campos Elysios, em que a França ostentou a flôr do seu exercito. Foi um espectáculo unico pela grandeza e brilhantismo. O tempo estava bom e o sol claro reflectia-se n'aquelles milhares de capacetes e bayonetas que deslumbravam.

As musicas tocavam o hymno Russo os tambores e os clarins ressuavam á passagem dos imperadores. A população agglomerava-se em ondas compactas de gente que se agitava levantando os chapéus e dando vivas. A policia continha o povo com grande difficuldade.

Os imperadores nunca teriam decerto assistido a uma aclamação tão ruidosa, nem mesmo no seu paiz.

No meio, porém, de todas aquellas festas, os imperadores haviam de sentir uma falta que todos os requintes de amabilidade e todo o enthusiasmo dos francezes não podiam desvanecer, era a falta de uma corte para rodear os grandes autocratas, e que elles no seu paiz tinham tão memorosa, tão selecta, tão corteza.

Quem sabe se o proprio povo francez sentiria essa falta e mais se enthusiasmaria ainda parecendo-lhe transportar-se aos tempos em que a França tinha tambem uma corte brilhante e festas tão deslumbrantes como aquellas a que estava assistindo!

Aquella falta mais a sentiriam ainda os imperiaes visitantes, na festa de Versailles onde as côrtes de tantos reis e imperadores da França abrilhantaram as festas que ali se deram com a sua presença.

Aquellas ricas salas não se podiam casar com a democratica republica.

Foram feitas pelos reis e para reis. Se elles as não houvessem feito onde receberia a França a visita do autocrata, do senhor do Kremlin?

Na grande galeria das batalhas, que Luiz Philippe enriqueceu com os quadros de Vernet, de Delacroix de Ary Scheffer é que foi servido o jantar que o Presidente da Republica offereceu aos imperadores.

D'alli passaram á sala de Hercules illuminada a luz electrica, e em que havia armado um estrado forrado a veludo vermelho, sobre o qual estavam quatro cadeiras de Luiz XIV destinadas aos imperadores e ao Presidente Faure e sua esposa. Uns duzentos convidados occupavam outras tantas cadeiras e preparavam-se para assistir á grande *soirée* dada em honra do Tzar.

Foi pelas 6 horas que entraram na sala o Tzar e Tzarina, o Presidente da Republica e M.^{me} Faure.

Todos se levantaram á entrada do Tzar. A Tzarina vestia um riquissimo vestido de setim branco e decotado; cingindo o collo trazia um collar de seis voltas de brilhantes e perolas; parte d'estes brilhantes pertenceram á imperatriz Catharina de gloriosa memoria. A corôa que trazia era tambem de brilhantes e perolas de effeito deslumbrante.

Foi Sarha Bernhardt, quem inaugurou a *soirée*, recitando, como ella sabe recitar, uma poesia de Sully Prudhomme, que foi escutada com especial agrado pelos imperadores. A Sarha Bernhardt seguiu-se M. Delmas, que cantou admiravelmente a aria dos *Lavradores*, de Haydn. Depois cantou

M.^{me} Amel, muito graciosamente duas canções, seguindo-se M.^{me} Delna que cantou a aria de *Sansão e Dalila* obtendo completo triumpho. Fugera cantou com irrepreensivel mestria e arte a aria da *Gioconda*. Delaunay recitou superiormente *Une soirée perdue*, de Musset; Coquelin um monologo comico *Lesous prefect aux champs*, de Alphonse Daudet. Representou-se uma comedia em um acto de Meilhac, em que M.^{me} Rejane se houve com o talento de uma verdadeira atriz comica, e que agrado extraordinariamente ao Tzar e a todos que assistiam aquella festa. Houve depois danças antigas de effeito deslumbrante e que transportaram os espectadores a épocas passadas.

Esta deslumbrante *soirée* terminou ás 11 horas. A França mostrava aos seus imperiaes visitantes o que tinha tambem de melhor na sua arte contemporanea, assim como em Cherbourg lhe mostrara a sua marinha e em Chalons o seu exercito.

A visita a *Notre Dame* teve logar no dia 7 e foi imponente. O cardeal Richard recebeu os imperiaes visitantes e o presidente Faure, que os acompanhava, á entrada do magestoso templo. Os sinos tocavam alegremente e o orgão echoava, pelas vastas naves, os seus sons mais melodiosos a travéz das ondas de luz que inundavam o interior da historica igreja.

As magestades visitaram o tumulo de Pasteur, as capellas e o thesouro de *Notre-Dame*, onde viram magnificas gravuras representando as riquezas artisticas d'aquelle edificio.

A esta visita seguiu-se a do Palacio da Justica, e a da Santa-Capella; o povo que se aglomerava na passagem, não cessava de acclamar as magestades com vivas ao imperador e á imperatriz.

Sahindo do Palacio da Justica o cortejo dirigiu-se para o Pantheon, onde a decoraçáo de flôres e verdura era de surpreendente effeito.

Os imperiaes visitantes foram recebidos no peristyllo por M. Rambaud ministro da Instrucção Publica e Bellas Artes; pelo *maire* e pela municipalidade d'aquelle bairro. O Tzar admirou as pinturas e dirigiu felicitações a Bonnat e Pavis de Chavannes que estavam presentes. Depois desceram á crypta onde Nicolau II depositou uma esplendida corôa de flôres sobre o tumulo de Carnot.

Os imperadores não podiam folgar um momento. Do Pantheon seguiram para os Invalidos. Os velhos soldados da França pareciam terem rejuvenescido com o enthusiasmo de que estavam possuidos. Na fôrma, apresentaram armas aos soberanos da Russia que eram acompanhados pelo general Billot, ministro da guerra. Deante da crypta todos os personagens pararam. Só o imperador, o ministro da guerra, o general Arnoux e os officiaes russos penetraram no recinto do tumulo de Napoleão. O Presidente Faure, sempre com a Tzarina pelo braço e precedido dos officiaes da sua casa militar subiram para a crypta aberta. Todos os assistentes se descobrem. O Tzar parou por alguns momentos inclinando respeitosamente a cabeça.

Depois o cortejo seguiu para as enfermarias, refeitório etc., tendo sido brilhante a recepção que os imperadores tiveram, como de resto por toda a parte.

Visitaram tambem o museu de artilheria, depois do que retiraram, indo assistir á cerimonia do lançamento da primeira pedra de uma ponte sobre o Sena.

A esta ponte, lançada em honra do imperador, foi-lhe dado o nome de Alexandre III, e Nicolau II foi que lhe lançou a primeira pedra. Esta cerimonia foi tambem imponente, como se pôde ver da nossa gravura.

Os imperadores retiraram de Paris no dia 9, em direcção a Chalons onde ia ter logar a grande revista militar.

As 10 horas da manhã já a multidão de povo era enorme aguardando a chegada dos imperadores. As 10 horas e um quarto a artilheria annunciou a chegada das magestades.

As aclamações romperam de todos os lados com um enthusiasmo indiscrípivel.

As forças formadas no campo eram as seguintes: 66:856 soldados com 3:000 officiaes, 18:679 cavallos e 1:060 bocas de fogo.

O presidente Faure acompanhado por M. M. Loubet e Brisson, recebeu os monarchas á sahida do wagon. O Tzar vestia o uniforme de coronel de Cossacos.

Ao meio dia o Tzar montou a cavallo, e a Tzarina e presidente Faure, subiram para um caleche e assim passaram revista ás tropas.

Os vivas repetiam-se quasi sem intervallo, as musicas tocavam o hymno russo, a alegria era espontanea e sincera, descobrindo-se todos á passagem dos soberanos.

O imperador mostrava-se satisfeito e o aspecto das tropas impressionava-o profundamente, de modo que ao terminar a revista chamou o general Billot, ministro da guerra, e certificou-lhe a sua satisfação pelo exercito francez tão luzida e marcialmente representado nos soldados que tinha visto. Por esta occasião o imperador entregou ao general Billot uma medalha com o seu retrato circundada de brilhantes.

Terminada a revista, seguiu-se o almoço em que o Imperador e o Presidente da Republica trocaram os mais significativos brindes de sympathia e cordeal amizade.

As 6 horas os imperadores iam deixar a França. O comboio que os havia de conduzir a Pagny esperava-os.

A despedida foi calorosa de aclamações. Os representantes da França e da Russia abraçaram-se affectuosamente; no momento da partida o Tzar dirigiu-se ao ministro dos negocios estrangeiros, M. Hanoteaux e entregou-lhe um retrato seu com uma dedicatória escripta pelo seu punho n'aquella occasião.

Ao deixar a França os imperadores levaram seguramente as mais gratas recordações da extraordinaria recepção que lhe havia feito aquelle paiz, com as festas brilhantes que deu em sua honra, festas que o limitado espaço de que dispomos apenas permite que deixemos ligeiramente esboçada a sua descripção.

Assim o testemunha Nicolau II, no telegramma para o Presidente Faure, ao sahir do territorio da França.

Pagny, 10. — «No momento de atravessar a fronteira tenho a peito repetir-vos quanto eu e a Tzarina estamos penhorados pelo caloroso acolhimento de Paris; sentimos bater o coração do bello paiz de França na sua bella capital; a recordação d'esta viagem ficará profundamente gravada em nossos corações. Peço-vos que tenhaes a bondade de participar estes nossos sentimentos á França inteira.»

Ao que o Presidente Faure respondeu: «No momento em que vossas magestades deixam a França, tenho a peito renovar a expressão de alegria que nos causou a todos a vossa visita e os vossos votos.»

Para se fazer uma idéa aproximada do que foram essas festas bastará dizer que só a camara de Paris dispendeu 1:200:000 francos em illuminações e decorações da cidade e o Estado 7:000:000 de francos.

Os comboios de Paris trouxeram 800:000 passageiros do estrangeiro e das provincias de França, alem do grande numero de pessoas que vieram dos arredores da cidade, o que tudo deve dar milhão e meio de forasteiros alem da população normal de Paris. Calcula-se em mais cinco mil contos o que os forasteiros devem ter gasto em Paris durante os cinco dias das festas.

Os vehiculos de toda a especie realisaram receitas fabulosas, chegando-se a pagar cinco a dez francos por um logar nos vehiculos para vêr passar o cortejo. Só a companhia dos omnibus teve um augmento na receita de 88:000 francos.

A seguinte nota dá idéa do movimento que houve nos hotéis, restaurants e cafés até á mais somenos tasca:

N'aquelles cinco dias Paris consumiu 7:600:000 kilos de pão; 2:174:800 de carne; 518:500 de aves; 575:700 de peixe; 437:000 de manteiga; 260:000 de frutas e legumes; 144:000 de queijo; 184:300 duzias de ostras; 10:640:000 litros de vinho, e 10:450:000 ovos.

O imperador gastou milhão e meio de francos, sendo 800:000 com a casa da legação da Russia, em mobilias, etc., e o restante em gratificações e esmolos para os pobres de Paris.

Final, de tudo que se passou talvez isto seja a parte mais positiva.

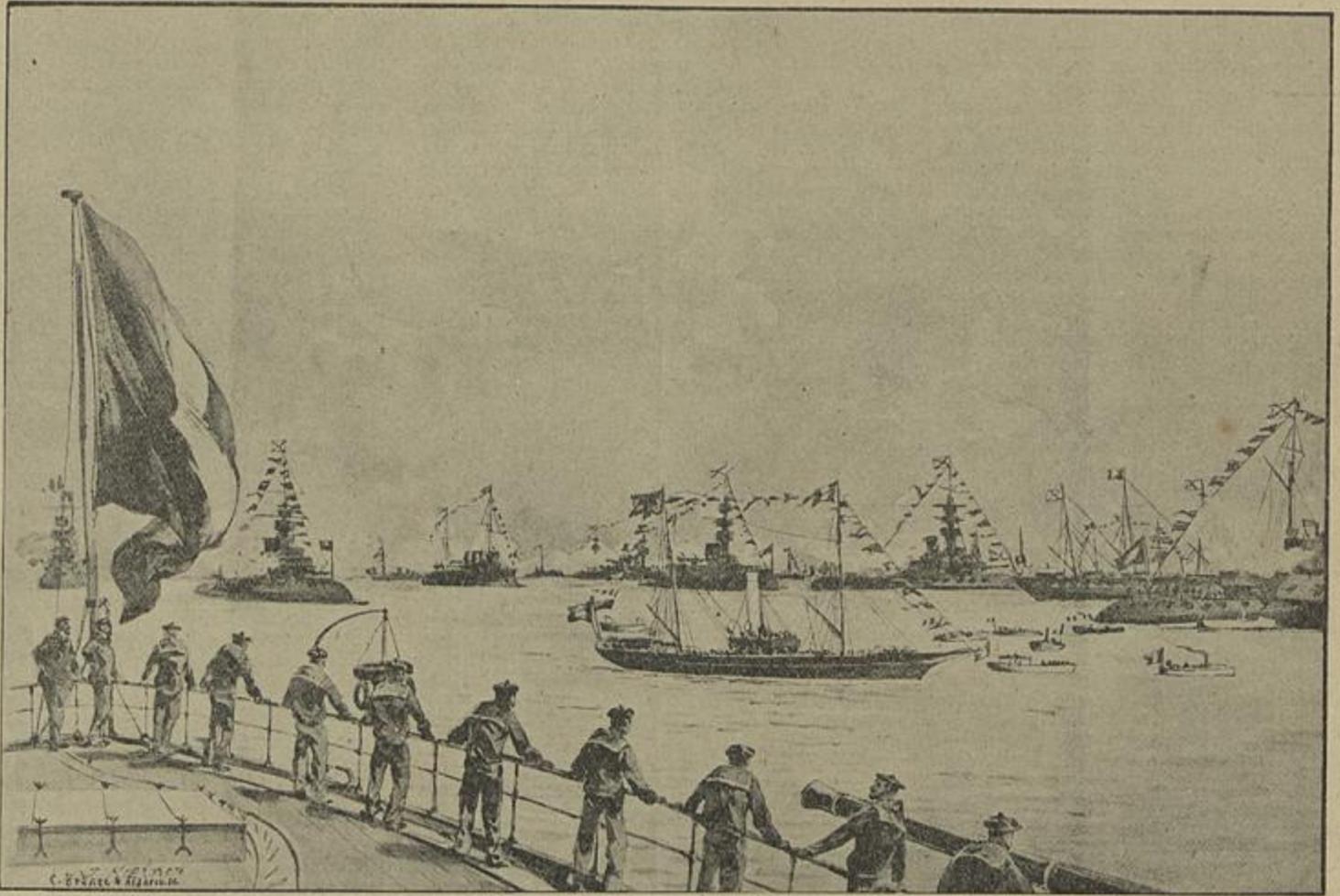
A proposito da visita do Tzar a Paris

Sr. director do OCCIDENTE.

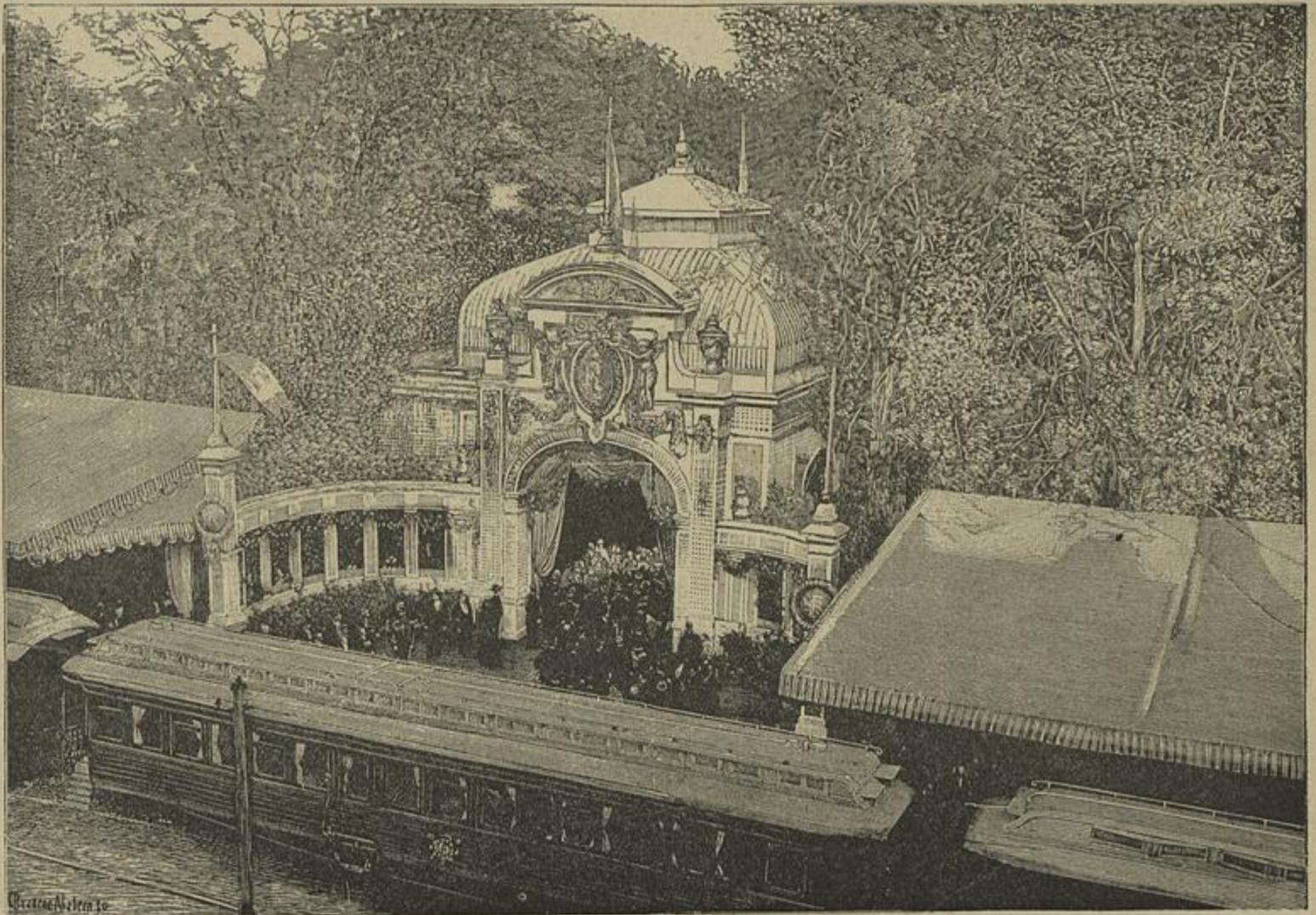
N'este momento em que a França recebe em franca e leal hospitalidade os imperadores da Russia, e presta á memoria de Alexandre III a mais subida homenagem, baptisando com o seu nome a ponte que acaba de inaugurar em Paris, não parecerá fóra de proposito, da minha parte, o lembrar a carta que ha tres annos, em Ponta Delgada, dirigi ao commandante do couraçado imperial *Nicolau I*, R. Ducker, em que delino a attitude da Russia e a sua preponderancia na politica europea, que hoje mais do que então se accentua vigorosamente.

Se a v. parecer que as minhas ponderações, por

Visita dos Imperadores da Russia a Paris



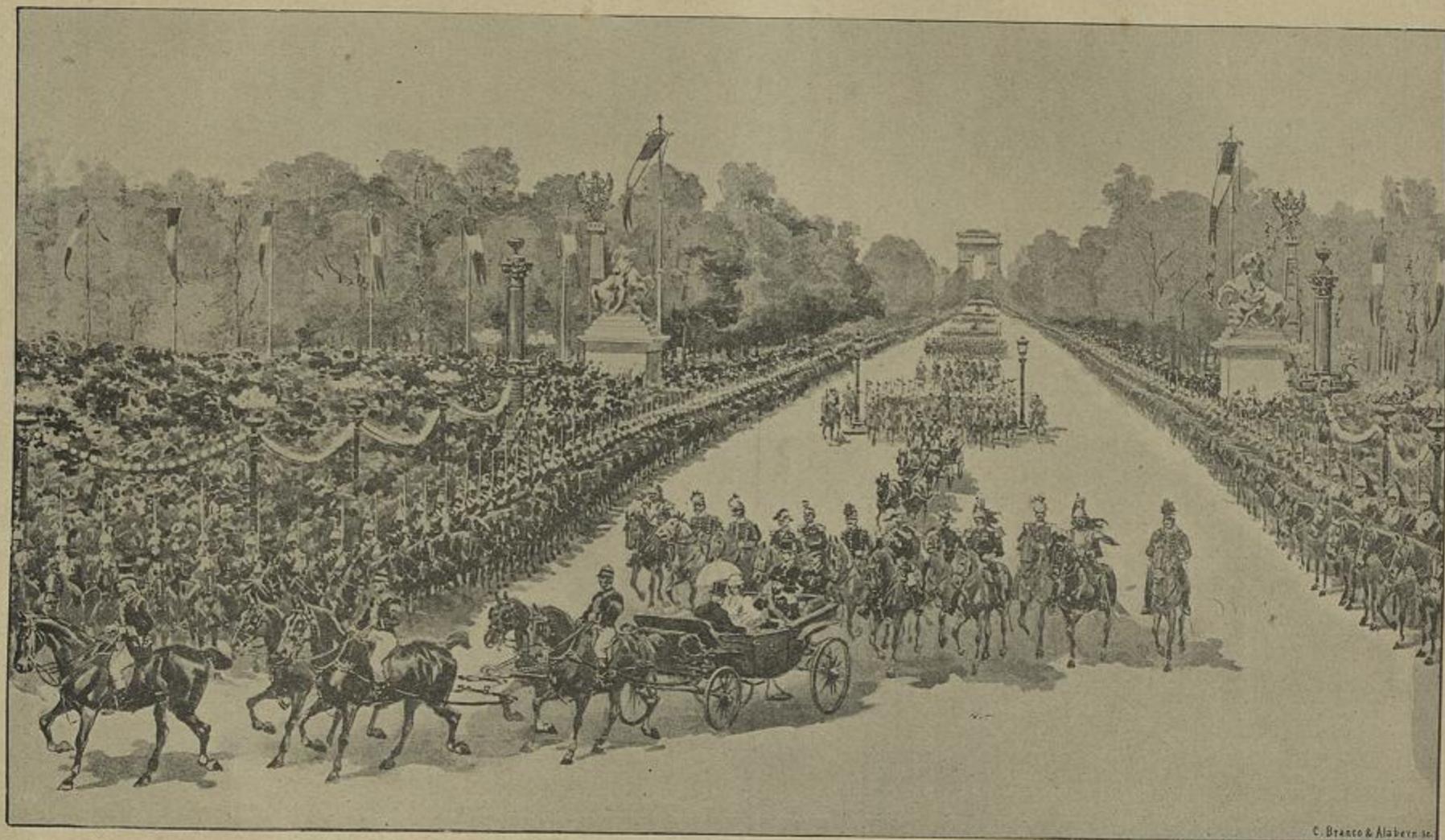
A GRANDE ESQUADRA DO NORTE, EM CHERBOURG



CHEGADA DOS IMPERADORES A PARIS — RECEPÇÃO NA GARE DE RENELAGH

(Segundo photographias de Gaillard)

Visita dos Imperadores da Russia a Paris



C. Branc & Albern sc.

PASSAGEM DO CORTEJO NOS CAMPOS ELYSIOS

certo desconhecidas dos leitores do OCCIDENTE, cabem no seu illustrado periodico, ellasahi vão para esse fim.

De V.
am.^o e coll.^a etc.
Dr. A. M. de Tavora

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

A chegada de V. Ex.^a aos Açores, na occasião psychologica em que para este paiz se debate uma questão de vida ou de morte, a sua autonomia¹ administrativa, e a sympathia que eu consagro, ha muito tempo á patria de V. Ex.^a, inspira-me a ideia de lhe dedicar uma rapida analyse philosophica e historica da nossa situação e a da Russia perante o mundo e perante a historia. Quero, tambem dizer-lhe, meu caro commandante, que é sempre com prazer que n'este porto, se vê fluctuar a bandeira russa.

Portugal, que abriu ao mundo, n'uma epocha para sempre memoravel, o caminho do oriente e estabeleceu pelas suas descobertas nos seculos xv e xvi o seu poder colonial; Portugal, cuja marinha de guerra eclipsou n'um momento todas as marinhas de guerra da Europa, não é um paiz tão insignificante que não possa fazer como o imperador Alexandre III fez ultimamente em Cronstadt deante da esquadra franceza, a sua homenagem a um dos navios de guerra da poderosa armada russa de que V. Ex.^a é o digno commandante.

Se na batalha de Moskowa uma divisão portugueza do grande exercito, commandada pelo general Gomes Freire, bateu se valentemente contra a Russia, a ponto de fazer dizer a Napoleão I que os soldados portuguezes eram os primeiros soldados da Europa, isto não impediu o vosso imperador Alexandre I e os gloriosos soberanos que lhe succederam no throno de lhes conservar as suas sympathias cordeas e a sua protecção.

A prova são essas visitas repetidas aos mares açorianos dos navios de guerra da marinha russa.

Permitta agora, meu caro commandante, que eu me transporte á occasião em que o imperador Guilherme I desapareceu pela morte da grande scena do mundo que illuminara com a sua coragem e com as suas victorias.

Nada restava então da Santa Alliança e muito pouco da liga dos tres imperadores de 1872.

Desapparecera tudo. As condições d'essa liga, haviam deixado d'existir. Os soberanos e os estadistas que as haviam realisado, não existiam já, assim como os laços de parentesco entre as duas familias imperiaes, a Russia e a Allemanha.

Ao sangue allemão da familia imperial russa outros elementos se haviam juntado.

V. Ex.^a sabe melhor do que eu que a preponderancia russa na Europa e na Asia, sobre tudo em Berlim na familia do imperador Frederico III diminuiria consideravelmente, não obstante os esforços de Bismarck, o chanceler de ferro.

Mais forte do que a sua vontade e os seus desejos, não obstante as visitas do actual imperador Guilherme II á côrte da Russia, e a do tsar no outomno de 1889 em Kiel, por algumas horas sómente, a intimidade cordeal da Russia e da familia imperial d'Allemanha desapparecera.

E ao tempo em que os dois soberanos se apertavam a mão, a imprensa dos dois paizes entregava-se ás recriminações as mais violentas.

Acompanhei na imprensa portugueza todas essas evoluções.

Desde o congresso de Berlim que foi tão fatal a Portugal foi este um thema permanente na imprensa russa e allemã.

Lembravam-se do facto da Russia, na campanha de 1813 e 1814 em que Alexandre I viera auxiliar o libertamento da Prussia, em vez de se conservar detraz do Vistula, sem perseguir o exercito francez.

Foi infelizmente este apoio á Prussia que esmagou a França.

Foi ainda por occasião da guerra da Prussia com a Austria, que a Russia firme na sua politica de protecção á Prussia, deixou realisar sem resistencia a suppressão de tantos estados allemães com os quaes desde longa data estava ligada.

Foi ultimamente em 1870, que a Russia, enfileirando o seu exercito na fronteira, impediu a Austria de se unir á França contra a Allemanha.

Por parte da Allemanha, ao mesmo tempo, que reconhecia estes serviços, eram dirigidos doestos á Russia, dizendo-se mesmo que Alexandre I depois da batalha d'Iena entregara a Prussia ao odio de Napoleão I.

Pelo contrario, accrescentava a imprensa allemã, a Prussia, na guerra da Crimea, com risco de grandes perigos o que não é exacto, permanecera fiel á aliança russa, guardando ao mesmo tempo a neutralidade.

Na Russia dizia-se com razão que esta neutralidade fôra offensiva e prejudicial para a Russia.

A historia, meu caro commandante, juiz imparcial e severa dirá um dia o que é verdadeiro e justo.

Juntava-se a estas queixas que a Russia formulava contra a Allemanha o antagonismo que existe entre slavos e germanos.

Desde Pedro o Grande, o odio contra o allemão tem-se accentuado a tal ponto, como V. Ex.^a sabe, que existem slavos ardentes que censuram ao seu monarcha o ser d'origem allemã.

Alexandre III é o primeiro soberano da Russia, que sob o ponto de vista nacional se poz d'accordo com o sentimento slavo.

Foi este o sentimento que approximou a Russia da França e a França da Russia.

As preferencias pela França que outr'ora se encontravam na alta sociedade russa existem actualmente em quasi todas as classes da sociedade russa.

Que consequencias praticas terá esta evolução com respeito ás relações entre a Allemanha e a Russia? É difficil prevel-o. O futuro pertence a Deus e só Deus dispõe da sorte dos povos e da dos imperadores.

Alexandre III é um soberano pacifico, porque os fortes são sempre pacificos; tem-no provado durante dez annos do seu reinado.

A paciencia que teve com as pretensões da Bulgaria é bem conhecida, mas não obstante a sua vontade, pode o vosso grande imperador ficar envolvido n'uma lucta gigantesca em que se chocarão o oriente e o occidente da Europa. A raça latina á qual Portugal pertence acompanha attentamente este movimento.

Os Açores, provincia portugueza, destacada pelas convulsões do globo de um grande continente, ponto intermediario entre os dois mundos, percorrido pelos navios de todos os paizes, vêem com anciedade esta nuvem negra no horisonte.

Devo dizer-lhe, meu caro commandante, terminando esta carta, que este pequeno paiz onde nasci e que tem tambem o seu nome na historia, faz votos pela prosperidade da raça slava e raça latina.

É queira V. Ex.^a aceitar os protestos da alta consideração com a qual sou

De V. Ex.^a
Att.^o V.^o e Obr.^o

Dr. A. M. de Tavora.

Ponta Delgada, 8 de Julho de 1893.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

III

Não é proprio dos espiritos aventureiros medir as suas acções pelas regras da prudencia e da boa razão; se assim não fôra deixaria de haver a aventura para só prevalecer a fria reflexão, o que tanto monta como o mundo ter avançado metade do caminho que tem percorrido nos progressos da humanidade: *Audentes fortuna juvat.*

Não se esperem aventuras donde só dominar a intelligencia sem participar o coração. Os productos da primeira serão admirados e respeitadas, mas o que o segundo produzir ha-de espantar e maravilhar.

Raro se reúnem estas qualidades e por isso, quando se encontram em um só individuo, esse individuo será um heroe, porque encherá de beneficios a humanidade.

Comtudo não menos raro é, que a esses homens de espirito e coração privilegiados, a humanidade tenha aberto os braços antes de lhe mover uma guerra de morte. Porque

elles vêem mais longe que o vulgar dos espiritos, advinhando o que outros não compreendem, são sempre o alvo da inveja dos maus a espicassar a aversão dos nescios.

É por isso que em todos os tempos a intriga tem envolvido os grandes homens, deturpando-lhe as intenções, maculando-lhe o caracter, desfazendo de seus meritos, pretendendo annular-lhe as suas obras.

Quantas vezes os ferros de el-rei arroxearam os pulsos dos seus melhores servidores; quantas o desgosto matou homens a quem a posteridade tem levantado monumentos!

N'este laberyntho da Historia, que os historiadores nem sempre tem podido espurgar das paixões, quão difficil é apreciar com justiça o caracter dos homens que n'ella mais preponderam por suas acções e influencia.

E' n'esta difficuldade que nos encontrâmos para definir nitidamente o caracter de Fernão de Magalhães, avaliando as rasões que o levaram a deixar a patria e o serviço do seu rei, pelo serviço do imperador das Hespanhas, por um paiz que era o emulo de Portugal, nas conquistas e descobertas.

É fóra de duvida que Fernão de Magalhães deveria ter um caracter independente e ousado, porque outro não se compadecia com o seu espirito aventureiro; que esse caracter não seria facilmente maleavel como não se amoldaria ás adulações e hypocresias da côrte, parece seguro; mas viria só d'isto o desagrado em que cahiu para com el-rei D. Manuel?

Seria Fernão de Magalhães mais ambicioso que outros, o que não é para admirar, visto que o seu espirito se dilatava tanto pelo que outros não viam, e essa ambição miraria mais á gloria do que ao interesse material? Qualquer das duas seria o bastante para o malquistar com os camaradas e com os cortezaos.

E' certo que um dos motivos de desgosto de Magalhães foi el-rei desattender-lhe o pedido de augmento de pensão, ao voltar de Azamor, onde combatera valentemente contra os moiros ao lado de João Soares e onde fôra ferido em uma perna, de que ficou coxeando; mas se o augmento pouco valia monetariamente, sobrava-lhe em importancia moral porque, como diz Faria e Sonsa, na *Asia Portuguesa*: «Subir cinco reaes em dinheiro, é subir muitos graus em qualidade», e Lafitau na *Europa Portuguesa*: «... crescer aqui um real é crescer muito em opinião».

IV

Quando isto succedeu já Fernão de Magalhães havia illustrado o seu nome em Africa, tendo feito parte de tres expedições, que de Lisboa partiram para aquelles paizes.

A primeira d'essas expedições foi a de 25 de março de 1505, sob o commando de

¹ A autonomia a que se refere a carta do sr. dr. Tavora foi decretada pelo actual gabinete este anno.

ENGANO¹

(ORIGINAL)

Quanta vez fitar seus olhos
Eu busquei; mas sempre em vão;
Que, ao vê-los, ferido, tremulo,
Baixava os meus para o chão.

Quanta vez tentei fallar-lhe,
E a palavra me faltou;
Que para o que n'alma tinha
Nenhuma voz me bastou.

Quantas quiz segui-a, e os passos
Força ignota me prendeu;
Que não ousava, homem fraco,
Seguir um ente do céu.

E suppoz que a não amava,
Porque nunca lhe falei,
Porque não lhe fiz protestos
E a seus pés me não rojei.

Ah! crêste-o, porque não tinhas,
Como eu julguei no fervor
Do meu sonho, um'alma propria
Para entender este amor.

Ramos-Coelho.

TUÄSCHUNG

(VERSÃO)

Oft versucht' ich, in die Augen
Ihr zu schau'n, doch stets vergebens;
Sah ich ihre, schlug ich meine.
Nieder, wund und voll Erbebens.

Oft auch wollt' ich mit ihr sprechen.
Doch die Stimme stockt' im Munde;
Konnte doch kein Wort es künden,
Was ich fühlte im Herzensgrunde.

Oft versucht' ich, ihr zu folgen,
Doch mich hemmt' ein inn'res Mahnen;
Denn ich armer Mensch, ich wagte
Nicht zu geh'n auf Engelbahnen.

Und sie wähnt', ich liebte nimmer,
Weil ich's nie mit Worten sagte,
Nie es ihr beschwur mit Eiden,
Nie zu Füßen ihr es klagte.

Ach, sie glaubt'es; denn sie hatte,
Wie ich's einst im Drang der Triebe
Still geträumt, in ihrer Seele
Kein Verständniß solcher Liebe.

Wilhelm Storck.

¹ *Lampejos, poesias de Ramos-Coelho. Lisboa, 1896; pag. 83.*

D. Francisco d'Almeida. Nella se alistou Fernão de Magalhães, contando 25 annos de idade, pois, segundo parece, nascera pelos annos de 1480,¹ deixando os commodos da côrte, onde, segundo diz Argenzola, na *Historia de las Molucas e Anales de Aragon*, era pagem da rainha D. Leonor e d'el-rei D. Manuel. Preparou-se Magalhães, tanto com as coisas espirituas como materiaes, para a perigosa viagem, conforme o costume dos tempos. Confessou-se e sacramentou-se e fez testamento, em Belem, a 19 de dezembro de 1504, em que transparece o animo com que o testador se achava para as grandes emprezas, pois recommenda n'aquelle documento — segundo dá fé Diego de Barros Arana, na *Vida e Viagens de Fernão de Magalhães*,² — a sua irmã D. Thereza de Magalhães, que institue herdeira do seu patrimonio como parente mais proximo, casada com João da Silva Telles, gentilhomen da côrte e senhor do castello de Pereira de Sabrosa, que transmitta o seu appellido juntamente com o seu brazão d'armas a seus herdeiros.

Em 1508 encontrava-se já Fernão de Magalhães em Lisboa de volta d'aquella viagem. Havia tomado parte com Nuno Vaz Pereira nas guerras da Costa Oriental da Africa para submeter aquelles povos á soberania de Portugal, como era necessario para a submissão das possessões da India.

Não nos transmite a historia os feitos d'armas que elle praticou n'esta viagem; é comtudo certo que ella lhe serviu, como as subsequentes, para alargar os seus estudos geographicos, como affirmam todos os escriptores que de Magalhães se tem occupado.

A segunda viagem encetou-a Fernão de Magalhães em 5 de abril de 1508, partindo de Lisboa na frota de Diogo Lopes de Sequeira, composta de quatro naus, com objecto de novas descobertas e conquistas no Oriente. Malaca era uma das terras mais cubiçadas pelas riquezas que tinha, e Sequeira ia encarregado de estabelecer reações com aquelle povo.

A viagem foi bem succedida até Madagascar, mas, proseguindo para Ceylão, um grande temporal obrigou os navios a arribar a Cochim, onde residia o vice-rei da India D. Francisco d'Almeida. Aqui augmentou Sequeira a sua frota com mais um navio e a guarnição com mais 60 homens, largando de Cochim a 18 de agosto de 1509.

Chegou Diogo Lopes de Sequeira a Malaca depois de ter reconhecido a ilha de Sumatra. Foi, porém, desgraçado o fim d'esta viagem, porque os malayos, que a principio

receberam bem os portuguezes, não tardou muito que conspirassem contra os nossos, tentando assassinar Sequeira, tentativa de que Magalhães teve conhecimento e conseguiu frustrar, assim como com esforçado valor defendeu seus companheiros de morrerem traiçoeiramente ás mãos d'aquelle povo, salvando quantos poude dos que se encontravam em terra. Entre estes nomea-se Francisco Serrano, ou Serrão, seu companheiro e, parece, parente.

Sequeira voltou para a Europa no melhor navio da frota, tendo mandado queimar dois por falta de gente para os tripular, e ordenando que os outros officiaes e resto de tripulação fossem para Cochim nos dois navios restantes, d'onde depois seguiriam para Portugal.

Assim se observou; porém, a má sorte quiz que os navios se perdessem no archipelago de Laquedivas, desfazendo-se nos recifes de Padua, logrando salvar-se a tripulação para um ilheu deserto, esperando passar a terra povoada.

N'esta conjuntura revela-se a grandeza de animo e o coração generoso de Fernão de Magalhães, porque, embarcando-se os seus companheiros nas lanchas para procurarem terra hospitaleira, elle se ficou com os restantes correndo o risco de, embora perecer, mas nunca os abandonar. Assim esperou que os companheiros lhe enviassem o auxilio necessario, e chegado elle se passou a Cananor, onde encontrou Affonso de Albuquerque, que ia de viagem para Ormuz com gente de guerra a dilatar suas conquistas na Persia e ir até o mar Roxo e ao Egypto.

Recebeu Affonso de Albuquerque a Fernão de Magalhães e os companheiros que embarcou em sua armada, e que o ajudaram a submeter Gôa e a dominar a costa de Malabar, e mais tarde a tentar nova guerra

contra Malaca, que é um dos feitos mais gloriosos das armas portuguezas no Oriente e o inicio de novas decobertas, como as do reconhecimento das ilhas de Banda e das Molucas, centro das ricas e procuradas especiarias.

No regresso d'esta viagem (1512), em que tanto se distinguio Fernão de Magalhães, teve este em recompensa de seus serviços o cargo de moço fidalgo do paço, com a pensão de mil réis mensaes com moradia. Esta pensão lhe foi melhorada pouco tempo depois, o que muito lhe acrescentou o valor e importancia na côrte, como se deprehende dos documentos achados por Muñoz, no archivo de Lisboa.

(Continúa).

Cactano Alberto.

UM ESTUDO DE PAYSAGEM

(RECORDÇÃO)

(Concluido do numero antecedente)

De repente um ligeiro clarão de esperança me appareceu e lembrei-me que á minha direita a poucos passos terminava o planalto do monte e abruptamente ia a matta pela colina abaixo e lá no fundo existia a quinta Montaury; o importante era na fuga não me embaraçar no matto; se eu visse que aquelles brutamontes se dirigiam para mim, muito fina seria a mulher se me conseguisse impedir na carreira que projectava para me salvar.

Mas estava escripto que nada do que eu pensava se realisaria, pois a mulher após um demorado silencio perguntou-me:

— Vocemecê conhece alguém n'estes sitios?

Fiquei estupefacto por uma sahida tão simples me não ter occorrido; por isso apressei-me a enumerar-lhe alguns dos mais conhecidos proprietarios dos povoados vizinhos com que até ali me relacionára e d'um lhe contei, que estava eu para ser genro.

Vi que a mulher ficara satisfeita por dar com pessoa conhecida, pois exclamou.

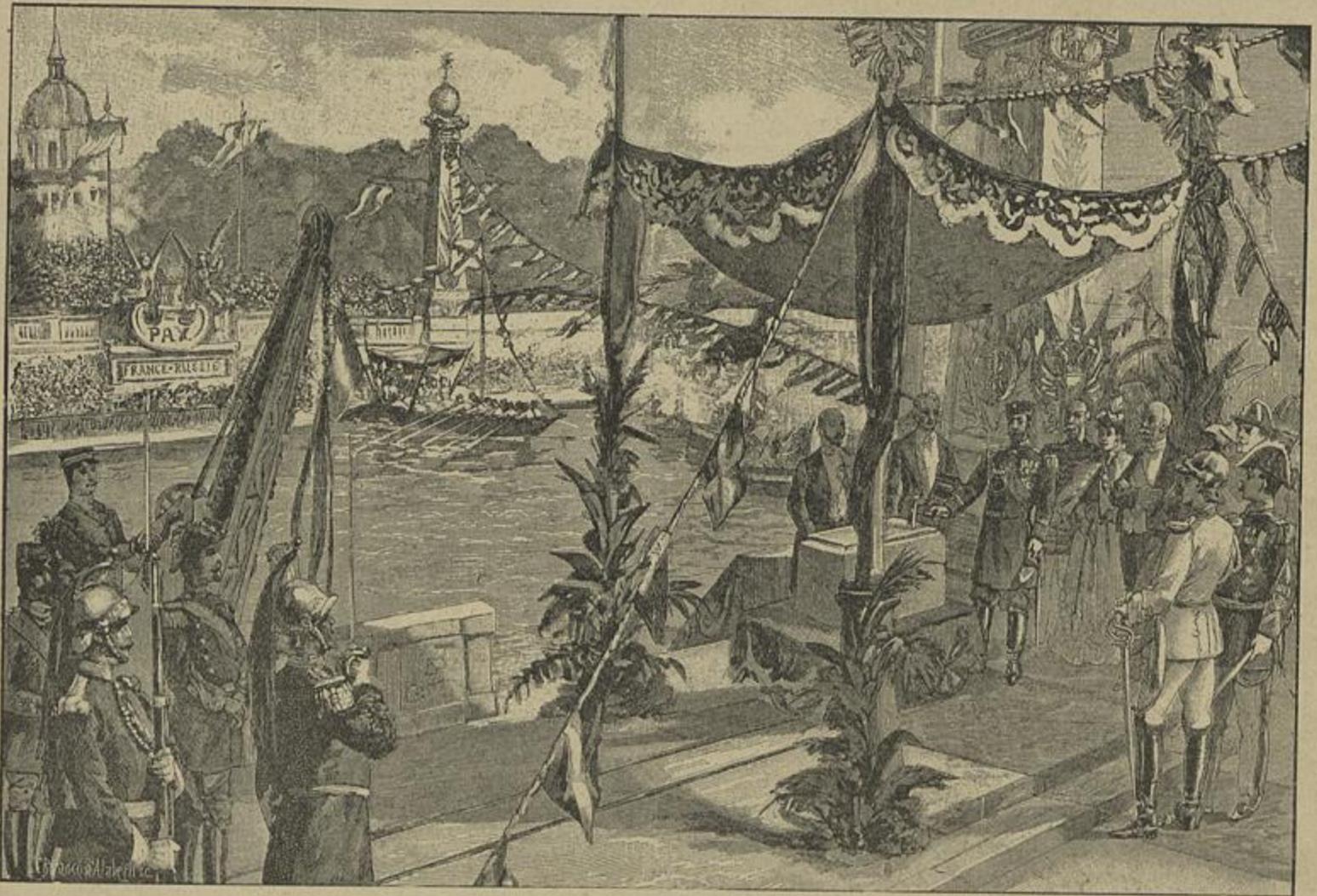
— Isso não sabia a gente! ora essa! já tenho ouvido fallar em si; então todos aquelles tiros, como vocemecê disse, não são a valer?

— Já estou farto de lhe repetir, respondi já completamente socegado, que todo aquelle barulho não tem perigo algum.

¹ Não está bem determinada a data do nascimento de Fernão de Magalhães; é, todavia, certo que elle nasceu na aldeia de Sabrosa, de Trax-os-Montes e que seu pae se chamava Pedro, sendo da quarta nobreza de Portugal, ou fidalgo de cotta d'armas e geração que tem insignias de nobreza, tendo a sua familia escudo d'armas enxequetado, ou em quadradinhos como tableiro de xadrez.

² Este testamento só foi conhecido em 1855, segundo diz Arana, que d'elle teve conhecimento por uma copia de Ferdinand Diniz, que a honve de um herdeiro de Magalhães.

Visita dos Imperadores da Russia a Paris



LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA DA PONTE ALEXANDRE III, SOBRE O SENA, PELO TZAR

— Então está bem! O' pae! gritou ella para o grupo, olhe que o homem não é o que cuidávamos, é pessoa conhecida cá do sitio.

Ao ouvir isto os dois camponios mais novos, voltaram costas, poseram os cajados ao hombro e foram para o cazal; o velho avançou ainda alguns passos na minha direcção e como procurava, da distancia aonde estava, perceber o que era o estudo que eu ainda não guardara.

Acabei de arranjar a caixa, fechei o banco e cavallete, de tudo fiz um volume que pendurei pela correia a tiracollo e pegando no chapéo e na outra mão a tabua com a pintura para fóra, fui descendo em direcção ao caminho em companhia da mulher; esta já de melhor agrado explicava-me ser a dona do cazal, que enuviára havia annos e que morava com o pae, que já não podia trabalhar, disse-me serem as outras pessoas tambem parentes; que viviam ali isolados, e só uma vez por outra iam á Merceana a mercas e portanto nao sabiam o que hia pelo mundo, por isso tinham tido muito susto ao julgarem que aquelle barulho era a guerra que andava perto.

No entanto chegámos proximo do velho, que devia ter os seus setenta annos, tinha os olhos muito franzidos de rugas, mas vivos, usava umas mal semeadas suissas, todas brancas, um tanto alquebrado amparava-se á foice; tinha pelas costas um casaco cõr de pinhão e calçava uns formidaveis tamancos; como a filha lhe explicava ser eu a pessoa que estava para pertencer á familia d'um proprietario d'ali proximo, levou a mão ao barrete, cumprimentando com bom modo, depois de algumas palavras, perguntei-lhe qual era a idea que tinham tido, quando estavam parados havia bocado, a olharem-me, ao que respondeu embaçadamente.

— Eu lhe digo, como julgavamos cá uma outra cousa, no caso fosse verdade, talvez houvesse ali alguma questão...

Mas a cazaleira, interrompeo, desejosa se não falasse em tal.

— Vocemecê tire se da rua, venha ali para o abrigo do cazal, olhe que a chuvinha não passa tão depressa.

A chuva estava mais branda, mas tanto para

me abrigar, como para lhes mostrar não estar resentido com elles, accitei o convite.

Cheguei ao eirado e d'ahi estendi a vista pelo declive; a chuva fizera encurtar muito os longes, todos agora envoltos em nevoeiros; do tiroeiro pouco se ouvia, raro um ou outro distanciado tiro; a chuva tambem decerto fizera falhar o exercicio e este parecia estar a terminar.

A propriedade rustica do cazal era por aquella encosta, limitada d'um lado por pinhal e do outro por charneca, tinha uns pedaços de vinha e de milho, um aboboral quasi todo derrotado; perto da habitação ficava a horta com uns renques de couves e feijoeiros trepados em caniçado: um charco n'uma vãla com um cabaço ao pé mostrava ser aquelle o poço da régua: um cão preso por uma corrente a um tronco, punha-se em pé esgançando-se a ladrar por me ver; n'uma cortêlha perto uns cevados de meio tamanho, metiam grunhindo, os focinhos pelos intervallos das ripas, pedindo a pitaça da lavadura; e alinhadas ao abrigo d'um muro umas gallinhas catavam as pennas molhadas.

Entre na casa e no vasto aposento da entrada aonde todos estavam depuz a um canto os meus apetrechos de pintura e chapéo e com todo o geito sobre uma arca o meu estudo: havia ali outras arcas, moxos, e alfaias agricolas d'eira, como pás, encinho, esmiunhadeiras, e cirandas; n'um angulo via-se uma porção de vassouras de painço decerto para negocio.

Os dois homens mais novos occupavam se em accender um forno ao fundo, com molhos de pinho, d'onde se destacavam vivas chammãs; a cazaleira de um grande alguidar tirava pedaços de farinha amassada e ia fazendo pães, que agêitava entre as dobras d'um alvo panno; a mais nova sentada n'um moxo amamentava um pequeno; e o velho tendo se sentado n'um alqueire ao lado d'um cesto vindimo cheio de peros e maçãs, tirou de um bolso uma navalha recurva e foi cortando os fructos em quartos e demoradamente comendo-os, com a bocca meia cheia interrogou-me.

— Diga-me cá, aquella historia dos tiros de ainda agora o que é que vem a ser?

Antes de mais esclarecimentos, perguntei-lhe

se elle ou algum dos parentes já tinham sido militares.

— Nada, cá a nossa gente nunca servio o rei. Compreendendo então eu melhor pela ignorancia em que estavam, no que diz respeito a militarismo, o grande susto que os dominára, contêlhes com grande copia de detalhes o que era um exercicio, como aquelle que ha pouco se dera; a sua admiração era tamanha que acabei por perguntar ao velho se tambem na sua vida nunca vira soldados.

— Ah! isso já vi, algumas vezes topei-os a marchar por essas estradas, mas olhe que para fazer rem o tal exercicio sempre escolheram um dia!

— Então que quer, costuma-se a dizer que o rei manda marchar e não manda chover e como o exercicio estava combinado para hoje por isso se fez.

(Continúa)

J. R. Christino.

ERRATA

No artigo *O Conde de Castro* publicado a pag. 223 col. 2.^a linha 21 onde se lê *lições* leia-se *feições*.

Aonde se lê a pag. 223 2.^a col. linha 37, para a recusa faltou accrescentar a que se refere o citado jornal.

ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE» Para 1897

Está no prélo e accitam-se annuncios até ao fim do mez.

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220 RÉIS

Cartonado 300 réis

Recebem-se desde já encomendas na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 29